

Antes e depois da conversão na Umbanda: a construção de um circuito afetivo-representacional religioso.

Before and after the conversion in Umbanda: the construction of a religious affective-representational circuit.

Renê dos Santos Spezani¹

Antônio Marcos Tosoli²

Margarida Maria Rocha Bernardes³

Magno Conceição das Mercês⁴

Pablo Luiz Santos Couto⁵

Rachel Verdán Dib⁶

Mariana Luiza de Oliveira Fleury⁷

Resumo

A conversão religiosa é um fenômeno complexo e relevante para a compreensão do comportamento humano, uma vez que pode contribuir para o estabelecimento de novos sentidos para a vida das pessoas. Dessa forma, o objetivo que norteou a

¹ Possui Graduação em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1996), Especialização em Cuidados Intensivos pela Universidade Federal Fluminense (2001), Mestrado em Enfermagem pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2006) e Doutorado em Enfermagem pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2015).

² Doutor em Enfermagem pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Pós-Doutor em Enfermagem pelo Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui graduação (1996) e mestrado em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002).

³ Bióloga, Enfermeira, Especialista em Administração em Serviços de Saúde (UERJ), Mestrado (UERJ), Doutorado (UERJ), Pós doutorado em Ciências pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO 2018). Professora de ensino fundamental, médio e universitário. Membro dos grupos de pesquisa LAPHE (UNIRIO), LACUIDEN (UNIRIO), RELIGARES (UERJ), GEPESED (UFRJ) E LABSDEF (ESG/MD).

⁴ Doutor em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) (2019), Mestrado Acadêmico em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) (2014)

⁵ Doutorando em Enfermagem e Saúde na linha de Educação em Saúde pelo Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Saúde da UESB. Mestre em Enfermagem na Linha Gênero, Mulher e Saúde pela Escola de Enfermagem da UFBA. Especialista em Saúde da Mulher. Especialista em Enfermagem do Trabalho. Bacharel em Enfermagem pela UNEB, DEDC Campus XII, Guanambi-Ba.

⁶ Acadêmica em Enfermagem pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

⁷ Técnica em Enfermagem. Atualmente é discente do curso de graduação em Enfermagem da UERJ/FacenfUERJ.

condução desse estudo consistiu em descrever a construção do circuito afetivo-representacional de médiuns de Umbanda, tomando-se como referência o período anterior e posterior a sua conversão religiosa. Trata-se de pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, desenvolvida com 15 médiuns de Umbanda, em duas instituições religiosas localizadas no Município de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro. Os dados foram coletados mediante a aplicação de instrumento de contextualização dos sujeitos e entrevistas semiestruturadas e analisados com base nas proposições da Teoria Ego-ecológica e análise de conteúdo temática. Os resultados indicam que a construção do circuito afetivo-representacional dos médiuns de Umbanda emerge a partir de um processo dialógico psico-contextual de vivências. Verifica-se que a conversão na Umbanda ocasionou impactos positivos sobre a vida e a forma de ser dos participantes do estudo. Conclui-se que a compreensão do universo simbólico, implícito na construção do circuito afetivo-representacional dos médiuns pesquisados e das repercussões positivas que a religião os oportuniza no cotidiano, pode servir de estímulo para o desenvolvimento de novos estudos sobre a Umbanda, contribuindo para a ampliação de conhecimentos no campo da espiritualidade e religiosidade.

Palavras-chaves: Conversão; Umbanda; Afetividade; Representação.

Abstract

Religious conversion is a complex and relevant phenomenon for the understanding of human behavior, due to the possibility of contributing to the establishment of new meanings for people's lives. Thus, the objective that guided the conduction of this study was to describe the construction of the affective-representational circuit of mediums from Umbanda, taking as a reference the period before and after their religious conversion. This is an exploratory research with a qualitative approach, developed with 15 mediums from Umbanda, in two religious institutions located in the municipality of São Gonçalo, in the State of Rio de Janeiro. The data were collected through the application of an instrument for contextualizing the subjects and semi-structured interviews and analyzed based on the propositions of the Ego-ecological Theory and thematic content analysis. The results indicate that the construction of the affective-representational circuit of mediums from Umbanda emerges from a psycho-contextual dialogic process of experiences. It appears that the conversion in Umbanda caused positive impacts on the life and way of being of the study participants. It is concluded that the understanding of the implicit symbolic universe in the construction of the affective-representational circuit of the mediums surveyed and the positive repercussions that religion offers them in their daily lives can serve as a stimulus for the development of new studies on Umbanda, contributing to the expansion of knowledge in the field of spirituality and religiosity.

Keywords: Conversion; Umbanda; Affectivity; Representation.

Introdução

A conversão religiosa é pauta de elevada complexidade para o entendimento do comportamento humano, uma vez que pode ser decisiva para provocar mudanças e transformações que confirmam novos sentidos aos pensamentos, atitudes e práticas dos indivíduos (FREITAS, HOLANDA, 2014).

Sabe-se que o Brasil apresenta uma diversidade religiosa ao longo de seu território. Nesse contexto, insere-se a Umbanda, religião seguida por elevada quantidade de adeptos e conversos e reconhecidamente nova, se comparada a outras preexistentes. A Umbanda possui seu momento fundante em 15 de novembro de 1908, no município de São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro, quando o médium Zélio Fernandino de Moraes, em uma sessão ritualística Kardecista, incorporou o espírito do Caboclo das Sete Encruzilhadas (CUMINO, 2011).

Afirma-se que essa religião surgiu “como uma variante religiosa mais notadamente brasileira, com o objetivo de elevar o status da Macumba (uma versão vulgarizada do Candomblé) por sua associação com o espiritismo de Allan Kardec” (BELLO, SÁ, JODELET, 2008, p. 229).

Desde sua fundação, a Umbanda se utiliza de espaços próprios chamados de terreiros, templos ou centros, e neles geralmente são desenvolvidos rituais com base em referenciais de humildade, fraternidade e caridade (CUMINO, 2011). Trata-se de uma religião que pode ser considerada brasileira por excelência, à medida que “juntou o catolicismo branco, a tradição dos orixás da vertente negra, e os símbolos, espíritos e rituais de referência indígena, inspirando-se, assim, nas três fontes básicas do Brasil mestiço” (PRANDI, 2004, p.23).

De acordo com dados oficiais publicados pelo último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no ano de 2010, com aproximadamente 100 anos de existência, o número de adeptos declarados à Umbanda àquela época no Brasil chegava a 432.000 pessoas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E

ESTATÍSTICA, 2010). À guisa de informações mais atualizadas, verifica-se no cenário social que o cotidiano de umbandistas ainda é permeado por situações de preconceito e intolerância religiosa que repercutem sobre o posicionamento desses indivíduos na sociedade brasileira (BERNARDO, 2018). Mesmo com a instituição do projeto político-cultural do Estado Novo, promovido na Era Vargas, com intuito de legitimar religiões de matrizes africanas no país e sua conseqüente aproximação com a ciência, a Umbanda, apesar de ser uma religião de matriz brasileira, continua sendo reprimida e até hoje luta por sua legitimação (FLOR, CARRARA, 2016).

Contrastando com esse cenário, verifica-se também que apesar de conceber um universo caracterizado por uma imensa riqueza simbólica e ritualística que envolve uma multiplicidade de elementos culturais, a literatura ainda revela lacunas na produção de conhecimentos acerca das especificidades da Umbanda e sobre as reais influências sobre a vida e o modo de ser de seus conversos. Nessa direção, as observações de Bello, Sá e Jodelet (2008, p.230) são oportunas, à medida que referem que muito sobre o que se sabe e conhece a respeito da Umbanda remonta-se à oralidade, sendo as representações sociais “uma forma de conhecimento que prevalece nas transações religiosas” dos adeptos e praticantes dessa religião, de modo que a descrição de seus conteúdos pode colaborar para o entendimento do que se processa entre esses indivíduos.

Dessa forma, acreditando que os desdobramentos dessas mesmas vivências podem se acirrar no plano psicossocial e considerando que a conversão religiosa não representa apenas a mudança de uma religião para outra, concretizando-se apenas quando essa mudança é “capaz de transformar a cosmovisão do sujeito, mudar a identidade do converso e alterar sua relação com a realidade e o mundo” (GOMES, 2011, p. 158), as concepções que fundamentam a Teoria Ego-ecológica mostram-se importantes para a construção desse estudo.

De acordo com essa teoria, reconhece-se que as interações sociais são decisivas para que os indivíduos se tornem capazes de construir representações sobre si, sobre outros indivíduos e sobre com o que se relacionam, a partir da lembrança e da

avaliação das experiências com as quais se depararam ao longo da vida armazenadas na memória, estabelecendo um circuito afetivo representacional com elevado poder para influenciar suas práticas, comportamentos, aspirações e motivações em seu dia a dia (ZAVALLONI, LOUIS-GUÉRIN, 1984; ZAVALLONI, 1986; SPEZANI, 2015).

O circuito afetivo-representacional pode ser definido como:

um complexo perceptivo e associativo da vida cotidiana, através do qual a mente cria e coloca em funcionamento o conteúdo da memória, influenciando as dinâmicas que operam sobre as motivações, comportamentos, atitudes, interesses e representações de um sujeito acerca do mundo e de si (SPEZANI, 2015, p. 127).

Atualmente, seria difícil mensurar, por exemplo, o quantitativo exato de pessoas que se convertem à Umbanda a cada ano no Brasil. Todavia, esse panorama deixa claro que não seria demasiadamente ousado investigar os questionamentos que preliminarmente, nortearam a proposta de condução desse estudo, em razão dos quais cabe indagar: por quais razões as pessoas procuram os terreiros em busca de alguma experiência na Umbanda? De que maneira transcorreu o processo de conversão daqueles que após suas experiências aceitaram a Umbanda como religião? Como representam a vida e o modo de ser no tempo real, ao levarem em consideração o período anterior e posterior ao movimento de conversão na Umbanda?

Uma vez que a produção de conhecimento pode contribuir para que os indivíduos avancem na busca de soluções para os problemas que as desafiam no cotidiano, de maneira crítica e libertária (FREIRE, 2011), a lacuna teórica verificada em torno de questões que envolvem a Umbanda e seus conversos e as possibilidades de compreensão das especificidades do fenômeno de conversão nessa religião justificam a realização desse estudo.

Nesse sentido, releva-se o caráter dessa investigação às suas possibilidades de contribuição e aprofundamento sobre o assunto, à medida que amplia o acervo bibliográfico existente sobre a temática e porque propicia a geração de um corpo mais sólido de informações, com elevado potencial para consubstanciar argumentos

necessários à promoção de diálogos com sustentação para a compreensão das condições que influenciaram os médiuns a se converterem a Umbanda e, conseqüentemente, sobre a importância da Umbanda em seu cotidiano de vida antes e depois da conversão.

A partir desse contexto, o objetivo que norteou a condução desse estudo consiste em descrever a construção do circuito afetivo-representacional de médiuns de Umbanda, tomando-se como referência o período anterior e posterior a sua conversão religiosa.

Método

O estudo está vinculado ao Projeto Religares – Religiosidade e Espiritualidade no Contexto do Cuidado de Enfermagem e Saúde: Produção Discursiva e Representações Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Trata-se de um recorte com apresentação de dados preliminares obtidos na coleta de dados em fase de implementação proposta no plano de estudos de Pós-Doutoramento em Enfermagem, denominado “Entre crenças, experiências e representações: análise da construção da identidade psicossocial de praticantes da Umbanda e suas interfaces com o cuidado de enfermagem”.

A pesquisa apresenta natureza exploratória com abordagem qualitativa, e é referenciada à luz das proposições da Teoria Ego-ecológica, que colabora para desvendar o microcosmo do indivíduo e suas regras definidoras mediante o conhecimento das representações que constrói sobre os objetos, pessoas e/ou situações com as quais já se deparou em algum tempo no passado (ZAVALLONI, LOUIS-GUÉRIN, 1984).

Como as representações, as lembranças pessoais, as imagens e experiências situam-se no pensamento consciente ou pré-consciente, a memória é o grande reservatório desses elementos. Esse atributo é concebido por Zavalloni e Louis-Guérin (1984) como sendo a memória emocional do mundo.

De acordo com essa teoria, compreende-se que na construção dos alicerces de uma narrativa, existe sempre uma dimensão psicológica que se encontra em íntima associação com o mundo social, onde são postos em evidência e para a qual contribuem as imagens mentais, a memória, os laços de afetividade e a avaliação das experiências com as quais o indivíduo já se deparou em algum momento de sua existência (ZAVALLONI, LOUIS-GUÉRIN, 1984).

A articulação desses fatores culmina com a formação de um circuito afetivo-representacional, através do qual se correlacionam pensamentos e ações, influenciando a maneira de ser e agir dos indivíduos no ambiente sociocultural no qual se enquadram (ZAVALLONI, LOUIS-GUÉRIN, 1986).

A Ego-ecologia constitui um referencial teórico e metodológico capaz de revelar aspectos decisivos nos processos de construção identitária dos indivíduos, contribuindo para a compreensão de suas aspirações, desejos, motivações e das regras que os orientam no convívio em sociedade (ZAVALLONI, LOUIS-GUÉRIN, 1984).

O estudo foi realizado em dois cenários, onde são desenvolvidas práticas e rituais exclusivamente vinculados à Umbanda, ambos localizados no Município de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro. O primeiro cenário para a coleta de dados foi a Sociedade Espiritualista Caboclo Tupinambá (SECAT). Trata-se de instituição religiosa situada no bairro Mutuá, na qual são desenvolvidas giras mediúnicas, consultas de atendimento ao público com Pretos-velhos, Exus e Pombagiras⁸; consultas com cartas ciganas e tratamentos para a saúde quando e de acordo com o que for recomendado pelas entidades incorporadas pelos médiuns aos consulentes, tais como o Reiki, cromoterapia e o passe com velas. Na atualidade, essa instituição é comandada

⁸ Na Umbanda, os Pretos velhos são considerados espíritos missionários de pessoas da raça negra que viveram durante o período da escravidão no Brasil e que evoluíram por meio da dor, do sofrimento e do trabalho forçado (BARBOSA JUNIOR, 2014; CUMINO 2011). Os Exus correspondem aos espíritos de homens característicos de sociedades antigas, tais como médicos, advogados, padres, políticos e boêmios. As Pombagiras geralmente são espíritos de mulheres fortes que, quando encarnadas, procuraram viver livres de amarras, da violência, do machismo e de convenções sociais (JARDIM, 2017).

por uma zeladora (mãe de santo) e conta com um contingente de aproximadamente 55 médiuns.

O segundo cenário de estudo foi a Tenda de Caridade, Fé, Esperança e Amor ao Próximo, localizada no bairro Porto Velho. Nela são desenvolvidos rituais e práticas como giras mediúnicas, consultas de atendimento ao público com Pretos-velhos; Exus e Pombagiras e tratamentos para a saúde, como recomendados. Essa instituição é dirigida por um zelador (pai de santo) e conta atualmente com a participação de aproximadamente 22 médiuns.

Os sujeitos do estudo foram 15 médiuns das instituições em questão (12 da SECAT e três da Tenda de Caridade, Fé, Esperança e Amor ao Próximo), para os quais foram adotados os seguintes critérios de inclusão: participar ativamente das giras mediúnicas realizadas e/ou atividades de consulta e tratamento nos respectivos cenários por um período maior ou no mínimo de um ano; possuir idade superior a 18 anos e aceitar participar do estudo, mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Foram excluídos do estudo aqueles que por quaisquer motivos, não se enquadraram nos critérios supramencionados.

De modo a não prejudicar o andamento das atividades nas instituições, a captação dos participantes do estudo aconteceu em momentos previamente agendados entre o pesquisador e os sujeitos do estudo, nos próprios locais, antes do início das sessões, consultas ou tratamentos.

A partir de então, os médiuns que atenderam aos critérios de inclusão e que se disponibilizaram a contribuir com o desenvolvimento desse estudo foram convidados a acompanhar o pesquisador até um local reservado nos terreiros, com a intenção de criar uma atmosfera menos formal e com o mínimo possível de interferências.

A coleta de dados foi intermediada por um instrumento de caracterização dos sujeitos (ICS) e um roteiro de entrevista semiestruturado adaptado do Inventário Multifásico de Identidade Social (IMIS), proposto pela Teoria Ego-ecológica (ZAVALLONI, LOUIS-GUÉRIN, 1984). O desenvolvimento do IMIS transcorre a partir de três etapas distintas, subsequentes e complementares, através das quais um

fluxo de perguntas e respostas colabora para que o pesquisador tenha condições de identificar e compreender os conteúdos representacionais que os indivíduos elaboram sobre si próprios e sobre o que vivenciam ao conviver em sociedade.

Como preconizado pela Teoria Ego-ecológica, na primeira etapa, denominada Representação da Identidade Social, os médiuns completaram frases com unidades representacionais (UR), através de termos indutores constantes no instrumento direcionados aos dois momentos distintos: antes e depois da conversão religiosa. Os termos utilizados foram: minha vida, antes de praticar a Umbanda era ...; minha vida depois de praticar a Umbanda é ...; antes de praticar a Umbanda eu era; hoje, depois de praticar a Umbanda, eu sou ...

Com o levantamento preliminar das URs, foram criadas as condições iniciais para compreender como eram construídas as imagens do grupo e as percepções que os médiuns possuíam acerca de ser, ter e/ou fazer.

Na segunda etapa, a Fase de Elucidação da Significação das Unidades Representacionais, foi utilizada a técnica de introspecção focada. Assim, os dados produzidos na primeira etapa foram apresentados aos participantes, buscando-se elucidar o significado das URs e das percepções que eles possuíam sobre o que já haviam respondido.

A partir de então, os participantes foram convidados a qualificar as URs, conferindo às mesmas o caráter de egomorfismo para aquelas que faziam parte de sua personalidade ou alomorfismo para as que não faziam, e em termos de ressonância afetiva. Dessa forma, os participantes informaram se havia identificação (S) ou não (N) com as URs e as classificaram em positiva (P), negativa (N) ou neutra (Nt).

Na terceira etapa, a Fase de Contextualização Representacional, foram empreendidos procedimentos de retomada dos temas anteriormente focalizados, com o intuito de extrair de suas respostas o máximo possível de informações que pudessem contribuir para o entendimento de seus aspectos coletivos (história grupal, projetos e privações sociais) e aspectos individuais (biografia, projetos e práticas. Desse modo, os

participantes foram submetidos a questionamentos relativos ao que responderam nas fases anteriores.

Para a análise e discussão do ICS, foi utilizado o emprego de técnicas estatísticas descritivas, com base no cálculo das frequências relativas e absolutas das variáveis em estudo. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas e a análise e discussão dos dados fundamentaram-se nas proposições metodológicas da Teoria Ego-ecológica (ZAVALLONI, LOUIS-GUÉRIN, 1984) e em um modelo de sistematização de análise de conteúdo temática proposto por Oliveira (2008).

Cabe ainda destacar que o estudo se respalda no cumprimento dos princípios éticos e exigências explicitadas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2012) e na Resolução 510, de 07 de abril de 2016 (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2016), relacionadas às “Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos”. Dessa forma, aos participantes foram fornecidas informações sobre os objetivos, riscos e benefícios da investigação e assegurada a garantia de seu anonimato, mediante assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido. Com vistas a garantir o anonimato dos participantes, utilizou-se a letra E, sucedida por algarismo arábico correspondente ao número da entrevista para sua identificação. Cabe ainda destacar que o estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa, recebendo o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 06246419.7.1001.8144.

Resultados

O ICS teve por finalidade conhecer informações sobre os participantes do estudo sob as perspectivas individual e como médiuns conversos à Umbanda. Desse modo, esse instrumento possibilitou uma compreensão mais apurada de algumas características dos participantes, tais como idade, gênero, nível de escolaridade, tempo de conversão na Umbanda, tempo de vínculo com seus respectivos terreiros e participação nas atividades mediúnicas desenvolvidas nesses locais.

Entre os quinze (15) participantes, as idades variaram entre 18 a 76 anos. Tal heterogeneidade em relação à faixa etária pode representar, ao mesmo tempo, maior variedade e riqueza de experiências até então vivenciadas (SILVA, JORGE, 2017).

A faixa etária predominante variou entre 41 a 50 anos, com cinco participantes (33,3%). No que se reporta ao gênero, 10 (66,7%) eram do sexo feminino e cinco (33,3%) eram do sexo masculino.

Em relação ao nível de escolaridade, dois (13,3%) possuíam o ensino médio incompleto; oito (53,4%) apresentavam o ensino médio completo; três (20%) possuíam nível superior incompleto e dois (13,3%) possuíam nível superior completo.

A maior parte dos participantes (oito) (53,4%) desenvolvia sua prática religiosa na Umbanda há mais de 10 anos. Dentre os demais, cinco (33,3%) eram umbandistas entre um a cinco anos e dois (13,3%) entre cinco a dez anos.

A inserção nos respectivos terreiros onde os dados foram coletados variou, de modo que cinco (33,3%) permaneciam na mesma casa espiritual há mais de 10 anos, outros cinco (33,3%) possuíam de um a cinco anos, três (20%) entre cinco a 10 anos e dois (13,3%) há menos de um ano.

Como refere Sales (2017), observa-se nos médiuns de Umbanda a incorporação de entidades espirituais desencarnadas, que retornam ao plano terrestre para o desenvolvimento de práticas diversas, tendo como finalidade a evolução espiritual. As interações e ações de cuidado que se estabelecem entre as entidades, médiuns e adeptos ocorrem, na maioria das vezes, motivadas e em consonância com problemas de ordem cotidiana, tais como questões amorosas mal resolvidas, desemprego e adoecimento (ROCHA, SEVERO, FÉLIX-SILVA, 2019).

Dessa forma, no que se reporta às atividades desenvolvidas nos dois cenários onde os dados foram coletados, a única atividade que era realizada por todos os 15 participantes (100%) em suas respectivas casas espirituais correspondia às giras mediúnicas, que transcorriam nas noites de sábado, geralmente com frequência quinzenal.

Além das giras mediúnicas, outras atividades eram desenvolvidas nos dois terreiros em dias e horários diferentes da semana, de acordo com uma programação previamente estabelecida e disponibilizada para os médiuns e para o público que frequentava os locais. Por essa razão, alguns médiuns tinham possibilidade de participar de mais de uma atividade mediúnica desenvolvida em seus respectivos terreiros em uma mesma semana.

Considerando a divisão da programação das atividades em momentos distintos no decurso de cada semana do mês, dentre os 15 participantes entrevistados, além das giras mediúnicas, 12 (80%) também participavam de consultas com pretos velhos e três (20%) do tratamento com velas. Quatro (26,6%) dentre esses mesmos médiuns do grupo entrevistado também realizavam consultas com Exus; dois (13%) também conseguiam realizar consultas com cartas ciganas e apenas dois (13,3%) participavam das atividades de Reiki.

Após a organização e análise das entrevistas, as seguintes categorias revelaram-se importantes para a compreensão dos objetivos do estudo: a vida e o modo de ser antes da conversão na Umbanda e a vida e o modo de ser depois da conversão na Umbanda.

A vida e o modo de ser antes da conversão na Umbanda

Para alguns participantes, a conversão na Umbanda foi precedida por experiências insatisfatórias em outras religiões.

Eu era da igreja, mas eu sempre sentia um vazio dentro de mim e que precisava buscar algo a mais e que na religião que eu estava, eu não estava encontrando. E.15

A Umbanda já é a minha quinta ou sexta religião. Então, já eu passei por muita coisa, eu conheci muita gente. E.9

Observa-se que a conversão de alguns participantes na Umbanda ocorreu em tenra idade e, em boa parte das vezes, sob a influência de familiares.

Eu sempre frequentei a Umbanda com a minha avó desde criança, mais ou menos nessa idade que eu te falei, desde 10 anos de idade. E.5

Eu, como médium da Umbanda, eu fui bastante precoce, porque a minha família inteira é médium de terreiro. E.11

Nota-se que a conversão precoce de muitos participantes do estudo na Umbanda era, conseqüentemente, acompanhada de pouco conhecimento acerca dos fundamentos da religião.

Eu não sabia o que era a Umbanda. Depois que eu comecei a frequentar a Umbanda eu fui descobrindo de onde é as origens. Eu fui descobrindo de onde eu estava criticando, de onde eu estava tirando as ideias da cabeça, que não é isso. E.2

Eu tinha pouquíssimo conhecimento porque na realidade eu não tinha uma religião. E.7

Para os participantes, a procura pela Umbanda foi necessária e ocorreu por motivos diferentes. Para alguns, a aproximação com a religião se deu em decorrência de razões espirituais, como pode ser observado a seguir:

Eu coloquei a minha roupinha na Umbanda, a roupa branca, com 16 anos, quando eu comecei a sentir lá as coisinhas que as pessoas sentem: espírito pra lá, espírito pra cá, o corpo tremer, essas coisas todas. E.10

Eu sempre sofri muitos ataques espirituais, e sobretudo na época um pouco antes de eu entrar aqui pro Secat, porque eu não sabia nem que eu ia vir. Eu sofria fenômenos físicos, assim de ser empurrada da cama, de coisas muito ruins assim mesmo, de mexer com a minha cabeça, ataques noturnos, uma coisa muito ruim. E.9

Desde novinho, a minha mediunidade sempre foi muito a florada. Só que chegou um certo tempo em que eu comecei a receber eguns dentro de casa. [...] Era algum espírito se manifestando em mim. E.15

Entretanto, para uma outra parte dos participantes, a aproximação com a Umbanda transcorreu de maneira intencional e estratégica, guiada pela busca de auxílio para enfrentamento de situações indesejadas vivenciadas no cotidiano.

O que me trouxe para a Umbanda foram os meus problemas que eu passei a ter no período em que eu estava afastado da Umbanda, porque eu tive problemas de obsessões, problemas que geraram conflitos em família, problemas financeiros, de saúde. E.3

A primeira vez que eu vim aqui, eu estava no fundo do poço mesmo, e sem ver luz no fim. Meu filho estava querendo se matar. É uma sensação de impotência muito grande. Né? E eu lutava, levava no médico e dava remédio, levava no psicólogo e nada acontecia. E.8

Há 15 anos atrás eu passei por situações muito desagradáveis e depois que eu comecei, principalmente depois que eu comecei a frequentar o Secat, começou a melhorar muito. Entendeu? Parece que foi um despertador. E.5

De acordo com as lembranças dos participantes, suas primeiras experiências na religião transcorreram de maneira prazerosa.

Assim, o que eu sentia durante as giras, que já era sintoma de incorporação e eu não sabia. Né? Aquelas coisas do tremelique, de dar uma apagada. É uma sensação de conexão e aquilo era tão gostoso, sabe? E.9

Com o encontro que eu tive com a Umbanda, eu tive um afago, um abraço muito bom. Eu lembro até hoje que foi de um preto velho que me guiou e até hoje me guia. E.11

Observa-se que o contexto de vida dos participantes antes de sua inserção na Umbanda era caracterizado por lembranças ruins e que lhes despertava sentimentos negativos em relação ao tempo passado.

Minha vida antes de praticar a umbanda era um caos. Lá em casa, minha família se perdeu bastante e então ficou um caos na minha família. E.1

Era muito complicado os meus estudos. Eu não conseguia ficar centrado na aula, não conseguia fazer quase nada, eu chegava da escola e já ia para a rua, já ficava na rua o dia todo e brincava direto. Eu não queria saber de nada. E.2

Eu estava por estar. Entendeu? Eu bebia, vivia com mulheres, não tinha hora pra acordar, não tinha hora pra dormir, não trabalhava. Não tinha uma perspectiva, uma visão de vida. Não tinha nada!

De modo semelhante, da memória dos participantes também emergiram recordações relacionadas aos hábitos, comportamentos e dificuldades que apresentavam para condução de suas vidas e para se relacionar com outras pessoas.

Eu não tinha muita disciplina, bebia muito. Eu era um pudim de cachaça! Eu bebia muito! Eu ia e passava a noite bebendo e chegava de madrugada em casa. E.9

Antes, eu não me via uma pessoa grande, uma pessoa adulta, uma pessoa como eu sou hoje. [...] Eu lidava com muitas coisas a ferro e fogo, com muitas coisas à risca do que estava acontecendo. Tudo era ao extremo! E.11

Eu era revoltado, explosivo, egoísta. Eu era meio radical. Eu vivia assim, em termos de com outras pessoas. E.15

A vida e o modo de ser depois da conversão na Umbanda

Considerando-se o que foi narrado em relação ao período anterior à conversão na Umbanda, percebe-se que a lacuna de conhecimentos que os participantes do estudo apresentavam em relação à referida religião começou a ser preenchida gradativamente, à medida que passaram a se dedicar às atividades realizadas nos terreiros. Dessa forma, essas modificações impulsionaram a ampliação da consciência e familiarização com a doutrina umbandista.

O médium tem que ter uma vida regrada! E. 13

Nem todas as religiões pedem todos esses preceitos e essas regras que a gente tem que seguir pra manter uma corrente mediúnica boa e forte. [...] Eu tenho vários momentos de resguardo e não dá pra eu viver a vida de badalação que eu tinha quando eu era adolescente. Isso não me pertence mais. E.9

Nas conversas que a gente tem, nas reuniões, a gente sempre aprende. A gente ouve, a gente aprende constantemente. Então, a gente aprende a evoluir, a ter mais empatia, a olhar pro outro como se você tivesse no lugar do outro. E.4

Os relatos dos participantes revelaram que o aprendizado adquirido na Umbanda contribuiu para o amadurecimento pessoal. Todavia, também é possível identificar que existe nas falas a presença de conteúdos representacionais que indicam que os mesmos possuem clareza de que na Umbanda, o amadurecimento é uma construção inacabada e em constante evolução.

A Umbanda me ajudou a amadurecer bem rápido. Até mais do que eu imaginava. Hoje, e penso muito mais antes de falar, antes de agir para não despertar no próximo nada de negativo. E.10

A evolução é constante! Não tem ... Apesar de eu me considerar adulta, eu ainda sou muito criança como espírito. Eu ainda tenho muito a crescer. Eu ainda tenho muita coisa a aprender. O aprendizado é eterno. E.4

Muito embora a conversão de muitos participantes do estudo à Umbanda tenha ocorrido em virtude de adversidades no cotidiano, observa-se que diante do conhecimento até então possuído, a religião não era representada como solução definitiva para seus problemas e sim como um recurso de apoio e de fortalecimento interior para enfrentamento das intempéries da vida.

Porque você seguir a Umbanda e ser umbandista não quer dizer que a minha vida vai ser um mar de rosas. Os problemas que já estão designados para mim ter, os meus carmas de vidas passadas, o que eu tenho que passar, eu vou passar. Sendo que eu sendo umbandista, eu passo por essas dificuldades e por esses problemas energizado pelos meus orixás, pelos meus guias, pela minha fé que é mais importante, eu passo por todos esses problemas e dificuldades de pé, sem cair. E.3

Eles me mostram que eu tenho força pra superar meus problemas, que eu não estou sozinha, que tem sempre alguém pra me ajudar. Então, isso facilita para que eu olhe para os meus problemas e ao invés de eu me desesperar, eu mantenho a calma e vejo o melhor caminho pra E.5.

Nessa direção, o terreiro era lembrado de maneira positiva, sendo representado como locus privilegiado e sagrado para o desenvolvimento de fenômenos que contribuía para crescimento pessoal, para a união de pessoas e para o desenvolvimento de relações afetivas significativas.

Eu ia lá na igreja, rezava e tudo, mas eu não sei se é falta de fé, mas eu não tinha um objetivo. Hoje, eu tenho um objetivo que é me melhorar como pessoa dentro da minha religião, porque eu acho que na religião, você busca isso. E aqui a gente busca, a gente se ajuda! As pessoas são felizes aqui. Eu sou e pelo menos, é o que as pessoas passam pra mim. E.6

Eu sinto um amor muito grande dentro da nossa casa. Então, é como se fosse uma família! E.9

Entre os principais achados do estudo, percebe-se que a conversão na Umbanda ocasionou desdobramentos importantes, repercutindo sobremaneira sobre a subjetividade e sobre a maneira de organizar a vida.

Eu tive que organizar a minha vida. Porque eu estudava, eu fazia curso, eu tinha minha religião, eu tinha as minhas obrigações que eu tinha que cumprir lá. Querendo ou não, é comida que a gente faz, as obrigações que a gente faz antes de ter a sessão. É um mundo que parece muito pequeno, mas é muito grande. Então assim eu tive que aprender a fazer as coisas. Eu tive que

aprender a me organizar, aprender a obedecer às ordens, mesmo que eu não entendesse elas. Eu fui aprendendo. E.4

Eu aprendi a confiar mais em mim mesma. Eu vejo que hoje eu tenho capacidade de fazer algumas coisas que antes eu sempre achei que eu não tinha capacidade. E.1

A Umbanda mudou totalmente o meu jeito de ser. Agora eu sou mais tranquilo, sou mais centrado nas atividades que eu tô fazendo, mais orientado assim pra fazer as coisas. E.2

Depois que eu retornei para a Umbanda, eu comecei a valorizar primeiramente a minha vida, o meu corpo, as pessoas que estavam ao meu redor. É aquilo que eu falei: depois que eu retornei para a Umbanda, eu passei a ser mais humano, a ter mais carisma, a ter mais carinho, a ser mais amigo, a ser mais irmão. E.3

Diante de um contexto diferente, notavelmente representado como melhor se comparado ao vivido no período anterior à conversão na Umbanda, verifica-se a emersão de conteúdos representacionais que revelam contentamento com o que é vivido e com o modo de ser no tempo presente.

Se não fossem eles (os guias espirituais), eu nem aqui estaria. E.14.

Hoje, eu sou uma outra pessoa! Foi a própria Umbanda, a própria casa, a própria espiritualidade que me fez mudar pra melhor, e isso é muito bom. E.6A

Quando eu não tinha religião nenhuma, na realidade eu vivia como se fosse num quarto escuro[...] hoje eu sou feliz pelo que a minha religião me proporcionou: o aprendizado e tudo aquilo que eu estou vivendo. Então, isso me torna uma pessoa mais forte, mais feliz, mais compreensiva. E.7

Eu renasci! Eu estava no Umbral. Eu acho que se um dia eu for para o Umbral, eu não vou estranhar. Aquilo que eu vivia foi muito ruim. Foi muito ruim. Então, assim, graças à Umbanda, hoje eu sou uma pessoa melhor, eu sou mais alegre. Eu tenho muita gratidão. Tenho mesmo! E.8

Outro achado importante, e que vale a pena ser destacado, é a intenção de seguimento religioso na Umbanda. Ainda que não tenham sido questionados em relação às perspectivas inerentes ao futuro que está por acontecer, os participantes revelaram através de suas falas uma vontade clara de continuar na Umbanda, seguindo seus ensinamentos indefinidamente pelo resto de suas vidas.

Eu acho que ainda tem alguma coisa muito boa que a religião vai me dar, porque é o sossego, me traz paz! E eu acho que a Umbanda tem muita coisa pra me oferecer. E.12.

Eu acho que eu hoje não me vejo mais fora do Secat. E.6

Eu acho que eu nunca vou sair da Umbanda, porque tem tudo isso que eu falei, tudo isso que eu sinto e porque tem essa possibilidade de sincretismo.E.9

Discussão

Os resultados anteriormente apontados permitem inferir que os participantes do estudo constroem um circuito afetivo representacional sobre a Umbanda a partir da memória emocional que possuem sobre o mundo em que se inserem (ZAVALLONI, 1986). Essa memória emocional é fortemente sedimentada a partir do um estoque de imagens, conhecimentos e de inúmeras lembranças relacionadas às relações estabelecidas consigo e com outras pessoas no passado e no tempo presente (ZAVALLONI, LOUIS-GUÉRIN, 1984).

A memória emocional de cada participante executa funções relevantes, uma vez que gera comportamentos ao conjugar, ao mesmo tempo, o pensamento consciente e as ações (ZAVALLONI, LOUIS-GUÉRIN, 1984). A memória e as ressonâncias afetivas que dela emergem são os pontos de partida para a elaboração das representações.

Cabe destacar que a Umbanda é umas das religiões mais conhecidas e espalhadas pelo país (CAMPELO, MONTEIRO, 2017). Estudos demonstram que a religião pode assumir um caráter funcional ao desempenhar papéis importantes na esfera social (PIEPER, 2019; SILVA, MARIANO, 2019). Sabe-se que desde sua fundação, a Umbanda tem sido utilizada por parte da população brasileira como um recurso que facilita o enfrentamento de problemas verificados em um cenário contemporâneo cada vez mais conturbado (SALES, 2017).

Os resultados do estudo revelam que a conversão na Umbanda ocorreu sob circunstâncias variadas. Destaca-se que a iniciação na Umbanda é precedida por uma série de ritos e, no imaginário social, costuma ser considerada um destino ou uma

missão a ser cumprida, podendo ocorrer através da socialização do indivíduo no grupo religioso ou de maneira mais dramática (CAMPELO, MONTEIRO, 2017).

Nota-se que uma parcela significativa dos participantes teve seu primeiro contato com a religião de maneira precoce, ainda em idades jovens e fortemente influenciados por familiares. Ocorrendo dessa forma, o ingresso na Umbanda costuma ser mais tranquilo e encontra respaldo na literatura, onde se ressalta que transmissão familiar ocupa um papel relevante na formação religiosa dos umbandistas e, em geral, de todos os afro-religiosos (CAMPELO, MONTEIRO, 2017).

Contudo, a aproximação e posterior conversão do maior número de participantes à Umbanda ocorreu por necessidade, transcorrendo em meio a um contexto de vivência de experiências adversas no cotidiano de vida, marcado por obsessões, conflitos familiares, problemas financeiros e de saúde e até mesmo por expectativas não atendidas em outras vertentes religiosas, reforçando o estereótipo tradicionalmente veiculado na sociedade em que se profere que a entrada na religião ocorre pelo amor ou pela dor (CAMPELO, MONTEIRO, 2017).

Como observado em Abric (2000), toda realidade pode ser representada, quer dizer, “reapropriada pelo indivíduo ou pelo grupo, reconstruída no seu sistema cognitivo, integrada no seu sistema de valores, dependente de sua história e do seu contexto social e ideológico que o cerca” (ABRIC, 2000, p.27).

Percebe-se que a realidade adversa e todos os fenômenos que a ela se associavam fomentou ao grupo pesquisado a elaboração de um circuito afetivo-representacional instituinte de ressonâncias afetivas negativas acerca do que era vivido diariamente antes da conversão. Dessa forma, funcionando como um sistema de interpretação da realidade capaz de reger as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social, verifica-se que as representações elaboradas a partir dos respectivos cenários de referência determinaram um conjunto de antecipações e expectativas, direcionando os participantes do estudo a se aproximarem da Umbanda em busca de auxílio para aquilo que os afligia inicialmente (ABRIC, 2000; MOSCOVICI, 2017).

Pode-se afirmar que a procura pelo terreiro nunca é desprovida de conhecimentos. Ainda que incipiente, quem vai ou quem conduz alguém ao terreiro sempre leva consigo algum conhecimento sobre possíveis benefícios que a espiritualidade pode oferecer. Logo, a chegada à casa espiritual é mobilizada a partir de alguma representação.

O terreiro, micro espaço físico onde se pratica a Umbanda era, nesse caso, num primeiro momento, representado como território sagrado para projeção de esperança e busca por soluções, acolhendo aquilo que muitas vezes não foi atendido em itinerários anteriormente percorridos em outras instâncias ou instituições presentes no cenário social.

Uma vez inseridos em suas respectivas casas espirituais, os participantes do estudo se depararam com um novo contexto. Perceberam a necessidade de conhecer os fundamentos da religião e, de maneira paralela, as regras e condicionamentos que os mesmos impunham sobre suas vivências.

A Umbanda, fundamentada na prática do amor e da caridade e antes não familiar, foi sendo gradativamente decodificada e passou a representar um modelo a ser seguido e determinante de condutas para consigo e com outros indivíduos nas relações estabelecidas no contexto social (ABRIC,2000).

Nessa direção, os participantes perpassaram por um processo de reforma íntima que os impulsionou a percorrer um novo caminho e a adotarem novas atitudes e práticas, razões pelas quais as formas de conceber e direcionar a vida foram paulatinamente influenciadas. Por intermédio da Umbanda e das representações que assumia na consciência dos participantes, a vida e o modo de ser foram então ressignificados.

Sob a perspectiva que os enquadra como indivíduos sociais e historicamente proativos e simultaneamente partícipes da construção de suas relações consigo e com o(s) outro(s), verifica-se que os maiores impactos dessa nova realidade se projetam sobre a subjetividade dos participantes, os quais modificam sobremaneira a sua forma de ser e de estar no mundo (JODELET, 2009).

Como referem Freitas e Holanda (2014), a principal característica dos novos conversos é a demonstração de um estado de harmonia com a vida. A conversão na Umbanda parece promover uma ruptura de suas biografias pessoais, de modo que os hábitos e problemas inerentes à vida prévia e muitas vezes sofrida e desregrada que tinham antes da conversão religiosa passam a ser substituídos com resignação, contentamento e por pensamentos e atitudes que confluem e se afinam com representações de equilíbrio e retidão.

Afirma-se haver na Umbanda a compreensão de que a reciprocidade constitui uma regra, de modo que o ato de dar e receber representa um elo de ligação de pessoas entre si e da humanidade viva à espiritualidade e aos Orixás (CAMPELO, MONTEIRO, 2017).

Essa influência é confirmada pelas falas dos participantes e se revela à medida que a prática do amor ao próximo, fraternidade, caridade, disciplina entre outros, representam compromissos morais assumidos para o seguimento da trajetória religiosa que passam a legitimar suas condutas.

Observa-se também que existe nessa construção uma dimensão psicológica motivacional que não pode ser negligenciada, pois, de acordo com os conteúdos identificados nas entrevistas, as práticas desenvolvidas na Umbanda são representadas pelos participantes do estudo como oportunidades importantes para a evolução dos guias, para sua evolução pessoal e também dos consulentes que procuram os terreiros em busca de auxílio para a solução de seus problemas. Nessa direção, no seguimento dos princípios que aceitam e que procuram seguir, os médiuns manifestam o desejo de fazer o bem e o de permanecer na religião.

Uma vez que os conteúdos representacionais presentes em suas falas revelam ampliação da sensação de bem-estar, autoestima e autoconfiança, compreende-se, em última instância, que são notórias as contribuições da Umbanda para a ambiência psíquica dos participantes do estudo no tempo presente. Isso caracteriza que o período anterior à Umbanda, majoritariamente marcado pelo sofrimento, foi substituído por um tempo presente melhor.

Sobremaneira, no cenário atual, em um estado laico e de direito, esses resultados são importantes para contracenar com o preconceito, a demonização e com os atos de intolerância que se projetam por parte de muitos seguimentos da sociedade contra a Umbanda (BERNARDO, 2018), pois evidenciam repercussões positivas sobre a vida e a saúde mental daqueles que tem no terreiro o espaço para professar sua fé e se conectar com o divino.

Repousa nessa estrutura um hiato que precisa ser desfeito, implicando redefinição de políticas de proteção e atenção àqueles que abraçam a Umbanda como religião, bem como de estratégias de educação e conscientização para a sociedade de modo geral, no sentido de que possam compreender que a opção religiosa é uma escolha particular e de que todas as práticas religiosas precisam ser respeitadas.

Conclusão

A construção do circuito afetivo-representacional dos médiuns de Umbanda é mediada por conhecimentos prévios e posteriores à conversão na religião e emerge a partir de um processo dialógico psico-contextual de vivências.

Verifica-se que a conversão na Umbanda, respectivamente, contribuiu para a ocorrência de impactos positivos sobre a vida e a forma de ser dos participantes do estudo.

O desvelo do circuito afetivo-representacional dos médiuns de Umbanda não se constitui tarefa fácil, dada a complexidade do tema, as peculiaridades dos médiuns e as próprias dinâmicas internas estabelecidas nos terreiros nos momentos que antecedem as atividades mediúnicas que neles são desenvolvidas. Contudo, o referencial teórico-metodológico da Ego-ecologia fomentou a decodificação do pensamento e o conhecimento das representações e das ressonâncias que a Umbanda ocasiona sobre a vida e os modos de ser e estar no mundo dos participantes do estudo, ratificando-se, dessa forma, o seu valor heurístico diante da realidade apresentada.

A compreensão do universo simbólico presente nas relações intra e interpessoais dos médiuns da Umbanda, bem como as repercussões positivas que a religião oportuniza para aqueles que a escolhem como caminho a ser seguido servem de estímulo para o desenvolvimento de novos estudos e pode contribuir para a ampliação do corpo de conhecimentos existentes no campo da religiosidade e espiritualidade.

Referências

- ABRIC, Jean Claude. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antônia; OLIVEIRA, Denise Cristina (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. 2. ed. Goiânia: Goiânia, 2000. p. 27-37.
- BARBOSA JUNIOR, Ademir. *O livro essencial da Umbanda*. São Paulo: Universo do Livros, 2014.
- BELLO, Roberto Araújo; SÁ, Celso Pereira; JODELET, Denise. A representação social e a eficácia das práticas de cura na Umbanda e afins no Rio de Janeiro. In: ZANELLA, Andrea; SIQUEIRA; LULLIER, Louise; MOLON, Susana (Orgs.). *Psicologia e práticas sociais*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, p. 229-36.
- BERNARDO, André. Umbanda completa 110 anos em meio a ataques e queda no número de devotos. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44297088>. Acesso em 03 jan. 2020.
- CAMPELO, Marilu Marcia; MONTEIRO, Alef. Mediunidade e iniciação: notas sobre a iniciação de crianças na Umbanda. *Revista Nufen: Phenomenology and Interdisciplinarity*, Belém, v. 9, n. 1, p. 108-126, 2017.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). *Resolução nº 466/12*. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF, 2012. Disponível em <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/reso466.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2020.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). *Resolução nº 510/2016*. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF, 2016. Disponível em: http://www.gppege.org.br/ArquivosUpload/1/file/Res_%20CNS%20510-2016%20%C3%89tica%20na%20Pesquisa.pdf. Acesso em: 27 jan. 2020.
- CUMINO, Alexandre. *A história da Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo: Madras, 2011.
- FLÔR, Bárbara Costa; CARRARO, Juliana. Mercado e caridade: as representações sociais na encruzilhada de um terreiro de Umbanda. *Anais do IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais*. Porto Alegre, 19 a 21 de outubro de 2016. Disponível em:

<https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/212/204>. Acesso em: 27 jan. 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Denis; HOLANDA, Adriano Furtado. Conversão religiosa: buscando significados na religião. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, São João Del Rei, v. 7, n.1, p. 93-105, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v7n1/v7n1a09.pdf> . Acesso em: 20 jan. 2020.

GOMES, Antônio Araújo. Um estudo sobre a conversão religiosa no protestantismo histórico e na psicologia social da religião. *Ciências da Religião – História e Sociedade*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 148-174, 2011. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/3341>. Acesso em: 27 jan. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2010. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religio_o_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em: 14 jan. 2020.

JARDIM, Tatiana. *Umbanda: história, cultura e resistência*. 2017. 112f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.unirio.br/cchs/ess/tccs/tcc-tatiana-jardim-1>. Acesso em: 30 mai. 2020.

JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 24, n. 3, p. 679-712, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/04.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2020.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

OLIVEIRA, Denize Cristina. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Revista de Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 569-576, 2008.

PIEPER, Frederico. Religião: limites e horizontes de um conceito. *Estudos de Religião*, São Paulo, v. 33, n. 1, São Paulo, p. 5-35, 2019. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/9056/6836>. Acesso em: 27 jan. 2020.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com Axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 223-238, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a15v1852.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ROCHA, Matheus Barbosa; SEVERO, Ana Kalliny de Sousa; FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir. Nos batuques dos quintais: as compreensões dos povos de Umbanda sobre saúde, adoecimento e cuidado. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 3, p. 1-21, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v29n3/0103-7331-physis-29-03-e290312.pdf>. Acesso em 27 jan. 2020.

SALES, Verônica Amaral. *Umbanda: preconceitos e similaridades*. 2017. 69f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, Mônica Ribeiro; JORGE, Ceuli Mariano. O reencontro dos sujeitos adultos com a escola: significados e tensões no âmbito do proeja. *Educação e sociedade* [online], v.39, n.142, pp.55-71, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302017137347>. Acesso em: 26 jan. 2020.

SILVA, Thales Moreira Maia; MARIANO, Rondinele Bezerra. Breve reflexão acerca da naturalidade cognitiva das crenças religiosas. *Religare*, v. 16, n. 2, p. 735-68, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/religare/article/view/44434/29328>. Acesso em: 28 jan. 2020.

SPEZANI, Renê dos Santos. *Entre sombras e representações: a construção da identidade psicossocial dos adolescentes que vivem com HIV/aids*. 2015. 317f. Tese (Doutorado em Enfermagem), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ZAVALLONI, Marisa. *The affective-representational circuit as the foundation of identity*. *New Ideas Psychol.*, Montreal, v.4, n. 3, p. 333-349, 1986.

ZAVALLONI, Marisa; LOUIS-GUÉRIN, Christiane. *Identité sociale et conscience: introduction à l'égoécologie*. Quebec: LesPresses de l' Université de Montreal, 1984.

Recebido em 29-01-2020.

Aprovado em 01-06-2020.